



VISÕES IDEOLÓGICAS EM TORNO DO TRABALHO NA COMUNIDADE ALEMÃ DE CÂNDIDO GODÓI (RS): ANÁLISE DO LIVRO “MEUS DOIS CORPOS”

DOI: 10.48075/ri.v26i1.31845

Maísa Garcia Follmann¹
Ana Beatriz Ferreira Dias²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo compreender as visões ideológicas construídas discursivamente sobre a sociedade alemã no que diz respeito ao trabalho desenvolvido por esse grupo na cidade gaúcha de Cândido Godói e arredores. Para tanto, tomamos como objeto de estudo o livro “Meus dois corpos” (2007), de Anencir Flores da Silva e Jacinto Anatólio Zabolotsky, que trata da presença de alemães na região, dentre eles da suposta passagem do médico nazista Josef Menguele. Ainda que possua uma série de elementos relevantes para a análise discursiva, este estudo aborda como a noção de trabalho é tecida nesse livro e, desse modo, revela ideologias que sustentam modos de relações sociais na região. Com base no pensamento do Círculo de Bakhtin, a análise desenvolvida tem, na palavra enquanto signo ideológico, uma unidade de análise central. Com esta pesquisa, observamos o predomínio de ideologias dominantes que buscam afirmar uma sociedade tida como “ideal”, tendo na homogeneidade um pilar para manutenção de certos valores sociais. Desse lugar, o trabalho desenvolvido pelos alemães e seus descendentes parece ser concebido como algo digno e sagrado que valida, por si, a presença desse grupo na região, independentemente de se alinharem ou não ao nazismo. Desde que sejam “trabalhadores”, esse grupo pode pertencer ao município e região.

Palavras-chave: Ideologia; Trabalho; Sociedade; Alemães; Meus dois corpos.

¹ Graduada em Letras - Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus Cerro Largo*, Rio Grande do Sul (RS), Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-1222-2916>. E-mail: maisafollmann@hotmail.com.

² Professora Adjunta de Língua Portuguesa e Linguística no Curso de Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus Cerro Largo*, RS, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7858-2571?lang=pt>. E-mail: ana.dias@uffs.edu.br.

IDEOLOGICAL VIEWS AROUND WORK IN THE GERMAN COMMUNITY IN CÂNDIDO GODÓI (RS): ANALYSIS OF THE BOOK "MY TWO BODIES"

ABSTRACT: This paper aims to understand the ideological views discursively constructed about the German society in terms of the work developed by this group in the city of Cândido Godói and its surroundings. To this end, we examined the book "Meus dois corpos" (My Two Bodies) (2007) by Anencir Flores da Silva and Jacinto Anatolio Zabolotsky, which deals with the presence of Germans in the region, including the alleged passage of the Nazi doctor Josef Mengele. Although it contains a number of elements relevant to discursive analysis, this study is concerned with how the concept of labor is interwoven in this book, thus revealing ideologies that support the forms of social relations in the region. Based on the thought of Bakhtin's circle, an analysis was developed in which the word as an ideological sign is a central unit of analysis. In this research, we have noted the prevalence of dominant ideologies that seek to confirm a society considered "ideal" with homogeneity as a pillar for the maintenance of certain social values. From this point of view, the work done by Germans and their descendants seems to be considered as something worthy and sacred, which in itself confirms the presence of this group in the region, regardless of whether they joined Nazism or not. As long as they are "workers", this group can belong to the community and the region.

Keywords: Ideology; Labor; Society; Germans; My two bodies.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, problematizamos como a noção de trabalho é construída em um polêmico livro, que, apesar de ser de difícil acesso pelos poucos exemplares que atualmente circulam, é foco de um inquieto diálogo, desde concordâncias, passando por desconfianças até total descrédito. *Meus dois corpos* (2007), de Anencir Flores da Silva e Jacinto Anatólio Zabolotsky, foi lançado no ano de 2007 e nele é possível encontrar, por exemplo, depoimentos de descendentes de alemães que, vivendo na região, expressam total simpatia pelo regime nazista.

O livro que analisamos aqui é dividido em três partes. A primeira parte, com enfoque mais ficcional, apresenta narrativas sobre a questão dos gêmeos e a suposta passagem de Josef Mengele por Cândido Godói e região. A segunda parte também possui histórias, porém acrescenta informações como dados sobre a localidade, detalhes sobre a comunidade local e da passagem do médico alemão baseando-se em reportagens. Já a terceira parte é a única que traz consigo um título: "reportagens de matérias veiculadas em

jornais e revistas locais, regionais, nacionais e internacionais, que balizam a presente obra”. Como o próprio título sugere, esse capítulo reproduz recortes de revistas/jornais que noticiaram os acontecimentos da região sobre o caso dos gêmeos e a suposta ligação do médico nazista com esse fato.

Com base nos discursos que compõem o livro, buscamos, então, elementos verbais e não-verbais que, tendo relação com alemães e seus descendentes, fossem indícios de visões ideológicas em torno desse grupo social. Notamos, com a leitura, que a referência ao mundo trabalho foi recorrente e sustentou uma série de aspectos da narrativa do livro. Frente a isso, temos como objetivo, no presente trabalho, compreender quais são as concepções de trabalho construídas no livro e suas implicações para a sociedade de Cândido Godói e região.

Na tentativa de melhor apresentar a análise, organizamos este artigo em quatro seções. Na primeira seção, exploramos um pouco os conceitos sobre palavra e signo ideológico para estudiosos que compõem o Círculo de Bakhtin ou ainda que pesquisam sobre. A segunda e terceira sessão, reservamos para análise e discussão. Ao final, deixamos nossas considerações sobre as análises, finalizando em parte esse estudo.

PALAVRA COMO SIGNO IDEOLÓGICO

*“Só ideologicamente é possível matar as ideologias.”
Paulo Freire, 2021.*

O pensamento de Paulo Freire, que serve de epígrafe desta seção, é profundo ao entender que somente ideologicamente é possível dizer que acabaram as ideologias. Podemos afirmar, com certeza, que quem tenta convencer-se ou convencer aos demais sobre o fim das ideologias, só pode fazer isso de um lugar ideológico. Por isso, ao tratar sobre ideologia, temos que partir dessa ideia, tudo que tem um significado é ideológico. Isso nos leva a pensar a ideologia como os estudiosos do Círculo de Bakhtin a pensavam.

Neste estudo, apresentamos uma leitura possível do conceito de ideologia, a partir dos estudos do Círculo de Bakhtin. Ao explorar as obras e teorias desenvolvidas por Bakhtin e seus discípulos, buscamos compreender as concepções e as complexidades pertencentes às ideologias. Com essa abordagem, oferecemos uma perspectiva que enfoca as relações entre a palavra como produto ideológico e os discursos em constante interação.

Principiando a nossa busca sobre as concepções de ideologia, nos apoiamos em uma noção oferecida por Volochinov (1930 *apud* MIOTELLO, 2005, p. 169), em *Que é a linguagem*, na qual afirma que “por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio das palavras [...] ou outras formas *sígnicas*”.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017, p. 91), Bakhtin declara que tudo que é ideológico possui uma significação, ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Antes de adentrar na concepção de signo, chamamos a atenção para “tudo que é ideológico possui uma significação”. Ao realizar essa afirmação, Bakhtin coloca em cheque que qualquer coisa no mundo que tenha um significado para além da sua funcionalidade é ideológico.

A partir dessas compreensões, podemos passar para a questão de entendimento do que é signo. Na visão dos autores, a ideia de signo é tomada como objetos únicos e materiais, ou seja, para ser um signo, esse objeto precisa adquirir uma significação que ultrapasse os limites da sua existência particular, tornando-se produto ideológico. Os signos são fenômenos do mundo externo, uma vez que refletem uma ideologia. Como afirma Volochinov:

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social - seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo - mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. (VOLOCHINOV, 2017, p. 91)

Nesse ínterim, Bakhtin concebe que a palavra no seu caráter *sígnico* é o fenômeno ideológico *par excellence*, uma vez que acompanha toda a criação ideológica. A palavra é tratada, também, como elemento concreto do mundo, da vida e das coisas, pois é através dela que os sujeitos se comunicam e produzem sentidos. É na e pela palavra que podemos identificar as movimentações no campo ideológico, visto que ela é o instrumento principal e mais sensível de transformações. Partindo desse pressuposto, todas as mudanças no mundo, no caso sociais, repercutem na língua e conseqüentemente nas palavras.

Logo, a palavra entoada adquire vida e valores, passando a ser um ponto de vista do interlocutor sobre os valores da sociedade e sua compreensão de mundo. Isto posto, entendemos que toda palavra é ideológica e está ligada diretamente a valores sociais, como expressa Stella (2005, p. 178), a palavra é produto ideológico vivo, funcionando em qualquer situação social (leia-se aqui ideológica) tornando-se signo ideológico porque

acumula entoações do diálogo vivo dos interlocutores com os valores sociais. É na palavra que buscamos alguns dos valores importantes para a sociedade de alemães dessa região, a qual analisamos na sequência.

FUNDAÇÕES DE UMA SOCIEDADE ORGANIZADA³

Com o intuito de cumprir com o objetivo deste estudo, iniciamos a nossa análise por entender como é a sociedade que esse grupo vive, partindo de pontos onde os autores colocam a ideia deles sobre como é a sociedade. Além disso, buscamos compreender quem são os sujeitos que compõem essa comunidade.

No livro, os autores possuem um projeto de discurso que viabiliza uma sociedade “ideal”, em sua visão, sendo assim eles ditam como é essa sociedade, por quem ela é composta e por que deve seguir assim. Para isso, utilizam dizeres que ajudam a sustentar uma ideia de comunidade homogênea, a qual tem como base a semelhança étnica dos seus indivíduos, bem como uma possível igualdade social entre eles.

Para iniciar a análise, expomos o trecho abaixo onde os autores apresentam qual é a cultura que predomina nessa região e quais práticas estão ligadas à influência do grupo étnico alemão. Passamos agora a analisar a visão sobre o tipo de comunidade que se constrói em Cândido Godói. Vejamos:

Trecho I:⁴

A cultura e influência alemã estão em toda parte, nos usos e costumes, na religião, nas práticas de trabalho, no folclore, nas crenças, mas sobretudo na responsabilidade, na seriedade, honestidade e na grande capacidade de viver em comunidade em harmonia e em paz. (p. 143)

No enunciado acima, podemos perceber que os autores elencam alguns fatores importantes da comunidade. Observamos, então, que ocorre uma gradação, onde partem do geral em “usos e costumes” e seguem uma ordem específica. Como afirma Martins (2012, p. 204), “a ordem dos termos é um aspecto de máxima relevância para feição estilística da frase

³ Os destaques nos trechos nas duas seções dedicadas a análise foram feitos pelas autoras, a fim de evidenciar algumas expressões. Portanto, não estão dessa forma no livro analisado.

⁴ No decorrer da análise utilizaremos a nomenclatura “trecho” para nos referirmos a partes do texto tal qual está no livro, ou seja, uma transcrição. Já quando utilizamos “recorte”, estamos nos referindo a partes do livro que são decorrentes de reportagens, quer dizer, são reportagens inseridas no livro.

e do texto, visto que determina o ritmo e a valorização de ideias e sentimentos, propiciando efeitos variados”. Isso sugere que, essa comunidade tem uma ordem de valorização de costumes que inicia pela religião, seguida por práticas de trabalho. Assim, é possível considerar que esses dois primeiros itens são os pilares dessa sociedade.

Na sequência, os autores caracterizam a influência alemã com palavras que exprimem um julgamento positivo, como “responsabilidade”, “seriedade” e “honestidade”, consideradas características valorizadoras. Ademais, devemos dar destaque para a afirmação que vem na sequência “*grande capacidade de viver em comunidade em harmonia e em paz*”, sugerindo, assim, que a influência alemã é fundamental para que essa comunidade viva de forma harmoniosa.

Como complementa Seyferth (1986, p. 60), “a língua e a cultura - elementos importantes da sua identificação como “italianos”, “alemães” e “poloneses” - seriam “perpetuadas” através da escola, da igreja do lar, com isso preservando uma identidade étnica e uma vinculação com o país de origem”. Em consonância com a ideia de Seyferth, sobre a perpetuação cultural através da escola, expomos um elemento não verbal que, presente no livro em análise neste trabalho, integra-se ao discurso presente no trecho I, acima apresentado. Visto que, esse elemento não verbal, não deixa de ser um signo, assim possuindo uma ideologia.

Figura 1 - Fotografia professor e alunos exibindo bandeiras



Fonte: *Meus dois corpos* (2007).

Neste contexto, a imagem reforça não somente o discurso que a precede, mas também o projeto discursivo do livro. Visto que a foto nos apresenta crianças sob a supervisão de um professor na Linha Pederneiras, interior do município de Cândido Godói, no ano de 1936, exibindo bandeiras brasileiras e outras com a suástica nazista. Como considera Bakhtin/Volochinov (2017, p. 94), “qualquer signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também uma parte material dessa mesma realidade”. Assim, essa imagem é um produto da interação entre os sujeitos e reflete as ideias, crenças e valores compartilhados por essa comunidade.

Ao incluir essa fotografia em um momento em que fala da composição da comunidade, os autores se alinham a ideologias de correntes nazistas/fascistas. Além disso, ao declararem que “*a cultura e influência alemã estão em toda parte*” e na sequência reproduzem esta imagem sugerem que a influência alemã da região pode estar alinhada a um discurso autoritário e discriminatório.

Seguindo a linha de raciocínio anterior, selecionamos outro fragmento que se encaixa no mesmo viés. Neste, os autores novamente fazem o uso da expressão “harmonia em comunidade” o que nos indica ser um fator importante para essa sociedade. Observemos:

Trecho II:

A prioridade número um é viver com *harmonia em comunidade*. Para isto, toda a população da comunidade é socialmente organizada. Por serem praticamente **100% de origem alemã** e com uma **igualdade social** marcante, por tal razão eles se organizam em associações para manter as diversas áreas em **bom funcionamento**. (p. 144)

Nesse trecho, é reforçado que a prioridade da comunidade é viver com harmonia. Em seguida, os autores utilizam o “*Para isto*”, um advérbio de finalidade, para explicar que toda a população da comunidade, para viver em harmonia, é socialmente organizada. A seguir, esclarecem como se dá esse processo de organização, ao expressarem que “*por serem praticamente 100% de origem alemã*”, o advérbio “*praticamente*” marca uma apreciação dos autores sobre o fato citado na sequência que é “*100% de origem alemã*”.

Sendo assim, fica subentendido que se outro grupo, principalmente étnico, fizer parte dessa comunidade não haverá mais harmonia, visto que o fator harmonia só é possível por que se tem um grupo étnico e social homogêneo. De certa forma, os autores silenciam

outras possibilidades de vida nessa comunidade, outros grupos e outros discursos. Percebemos, então, um movimento seletivo quanto aos integrantes da comunidade deste local.

De acordo com Ponzio (2010, p. 105), “é comum que a liberdade de palavra de um sujeito substitua a liberdade da palavra, em que um sujeito, ao se valer da força de um discurso oficial, impõe-se sobre a própria alteridade e a sufoca”. Sendo assim, quando em uma comunidade o discurso oficial encontra-se estreitamente atrelado a questões de dominação étnica e social de um grupo, a liberdade para a alteridade é reprimida.

De maneira semelhante, em *“igualdade social marcante”* e *“se organizam em associações para manter as diversas áreas em bom funcionamento”*, os autores retomam a ideia de sociedade organizada marcada pela hegemonia, de modo que fica subentendido que essas associações que mantêm o bom funcionamento são seletivas quanto aos seus participantes. Tendo em vista que, tomam como régua requisitos de raça e classe social dos sujeitos.

A seguir, no trecho III, os autores fazem o uso da porcentagem máxima ao dirigirem-se à população da comunidade. A escolha feita pelos autores ao utilizar essa porcentagem para descrever a etnia dos habitantes da comunidade, excluindo qualquer possibilidade de existência de outros grupos, sugere que, em sua perspectiva, esse grupo é considerado o único presente na região. Percebemos, dessa forma, o quanto é significativo que os autores reafirmem, em vários momentos, a identidade dos sujeitos dessa comunidade e sua suposta homogeneidade racial. Vamos analisar:

Trecho III:

Foi o vovô Lermen que nos relatou algumas histórias envolvendo nazistas que passaram pela região e que alguns até fixaram residências por aqui. Isto acontecia porque eles se sentiam mais seguros e protegidos pela comunidade composta por uma **população 100% germânica**. (p. 142)

Dessa maneira, é perceptível que o projeto de discurso presente no livro exclui qualquer possibilidade de diversidade. Problematizamos aqui, se de um lado temos um discurso dominante sobre uma comunidade que vive em harmonia e em paz por ter a população composta 100% por pessoas de etnia alemã, de outro temos um discurso outro, que é silenciado. Nesse caso, o discurso silenciado é o dos demais membros dessa

comunidade que não são de origem germânica. Assim, vemos uma ideologia dominante se sobressaindo sobre outra, como aponta Miotello:

Esse nível, ao exercer forte influência no jogo social, por ser o sistema de referência constituído e apossado pela classe dominante, se impõe na relação com a ideologia do cotidiano, e dá o tom hegemônico nas relações sociais, porém não único e nem neutro, visto que as contradições sociais ainda persistem nas bases econômicas daquele grupo social. (MIOTELLO, 2018, p. 174)

Cabe destacarmos outro fator importante neste trecho, a aparição da presença de nazistas na região e sua fixação por aqui. Esse discurso faz-se presente em outros momentos do livro e, ao longo desta análise, vamos retomar alguns trechos. Em virtude de ser um elemento importante para entendimento de projeto de discurso do livro.

A seguir, no trecho IV os autores se dirigem a “trabalhadores” e fazem uma associação com “descendentes”, o que reafirma o elo forte entre descendentes de alemães e o discurso sobre trabalho como presente, também, no trecho I. Nesse fragmento, temos também a questão da presença de nazistas na região, como já apareceu anteriormente no trecho III. Reparemos:

Trecho IV:

Muitos cidadãos trabalhadores e descendentes, verdadeiros chefes de família, foram discriminados e perseguidos pela polícia, maltratados e alguns sofreram agressões físicas, além de serem roubados. Essa marca não se apaga até hoje, permanecendo na lembrança de gerações de descendentes. Essa ferida ainda não está bem cicatrizada. Esse rancor ainda alimenta o coração de alemães, uns porque se acham ofendidos pelas injustiças de nossas autoridades, porque foram vilipendiados injustiçados e outros porque, **verdadeiramente**, eram adeptos simpatizantes do nazismo, pois nessa região havia nichos nazistas, sim. (p. 142)

Além das marcas de organização de sociedade, que falamos anteriormente, outras nuances são importantes para a análise da concepção de alemães e seus descendentes construída no livro. Vale observarmos, para tanto, o segmento “*verdadeiros chefes de família*”, no trecho acima, empregado para se referir aos trabalhadores e descendentes. Essa expressão considerada como aposto, dá-se como um termo expandido (acessório) ocorrente na estrutura, podendo ser omitido sem afetar o conteúdo principal da oração: “*Muitos cidadãos trabalhadores e descendentes, verdadeiros chefes de família, foram discriminados e perseguidos pela polícia, maltratados e alguns sofreram agressões físicas, além de serem roubados*”.

Nesse caso, o aposto aqui empregado constrói um sentido de que esse grupo, primeiramente, tem família, pois são *“chefes de família”*. É um povo *“de família”*. E, nesse contexto, não apenas isso: são chefes (de família), tendo uma posição hierárquica. O termo *“chefe”*, nessa condição, recebe uma tonalidade valorativa que sugere relações assimétricas de poder no qual alguém assume uma posição de poder de destaque.

Outro fator que colocamos em evidência é a palavra *“verdadeiramente”* que, agindo como elemento gramatical, revela uma avaliação modalizadora, em: *“Esse rancor ainda alimenta o coração de alemães, uns porque se acham ofendidos pelas injustiças [...] e outros porque, verdadeiramente, eram adeptos simpatizantes do nazismo, pois nessa região havia nichos nazistas, sim”*.

Como propõe Martins em *Introdução à estilística* (2012, p. 236), o locutor revela, em enunciados do tipo avaliação modalizadora, se considera o fato a que se refere como verdadeiro ou falso, certo, incerto, possível, desejável. Trata-se de uma posição do autor frente ao conteúdo que aborda. Assim, a certeza do locutor ao afirmar que *“eram adeptos simpatizantes do nazismo”*, é reforçada pela expressão *“verdadeiramente”*, oferecendo, portanto, um julgamento de valor do fato que se segue.

Com a palavra *“sim”*, em *“nessa região havia nichos nazistas, sim”*, os autores incluem em sua argumentação a posição contrária ou até de certo espanto diante do fato de que havia grupos nazistas. Atentamos, também, para a composicionalidade deste enunciado em que o *“sim”* consta ao final do dizer, o que dá ênfase à confirmação.

Outro fator que vinculamos a essa análise é quanto ao tempo verbal do *“havia”* em *“pois nessa região havia nichos nazistas”*, aqui o tempo é passado, trazendo a ideia de que, no passado, havia nichos nazistas. Entretanto, isso não exclui a possibilidade de que hoje ainda existam simpatizantes nazistas na região. Aliás, isso se confirma na parte III do livro, onde apresenta uma reportagem na qual um dos descendentes de nazistas rechaça o povo judeu.

Figura 2 - Reportagem Jornal Zero Hora



Fonte: *Meus dois corpos* (2007).

Recorte I:

O filho único do alemão, [...] se irrita ao ser questionado sobre o pai e não esconde a herança anti-semita. “Eu não gosto de judeus”, afirma. “Para mim, eles são uma raça que não precisaria existir”. (p. 178)

A reportagem apresentada na figura 2, é veiculada no Jornal Zero Hora no ano de 1996. No recorte I, selecionamos um trecho da reportagem na qual consta a entrevista com o filho de um comandante nazista, Wassler, que viveu em Santo Cristo. Na entrevista, o sujeito não esconde o seu desgosto pelo povo judeu, destacamos aqui o vocábulo “herança” em “*não esconde a herança anti-semita*”, como algo que aprendeu ou que foi transmitido por um antepassado, no caso do enunciado, pelo pai comandante nazista.

Ainda, discursiva sobre a extinção do povo judeu em “*Para mim, eles são uma raça que não precisaria existir*”, neste fragmento ao utilizar o pronome “eles” o entrevistado assume uma posição de distinção frente ao grupo que menciona. Ao criar a relação eu/eles, o filho único do alemão destaca diferenças entre dois grupos distintos, os alemães e os judeus, em um viés social, cultural e étnico. O que favorece aqui, um clima de hostilidade e discriminação frente aos judeus. Esse recorte, nos confirma a ideia anterior de que ainda há simpatizantes nazistas nesta região.

Não perdendo o fio da análise, passamos agora a nos atentar em outro aspecto importante que está presente nessa sociedade, a questão do trabalho. Como vimos

anteriormente, nos trechos I e IV, as práticas de trabalho são uma das influências da cultura alemã. Essa construção sobre trabalho já a tempo perpassa os discursos das comunidades ou, nas palavras de Ponzio, *comunidade de trabalho*. Nesta mesma perspectiva, Ponzio entende que

Aqui, o trabalho abstrato, indiferenciado, é considerado tanto como fonte de toda a riqueza social, quanto segundo a visão do protestantismo, nisso oposta ao judaísmo - como aquilo em que o indivíduo concretiza a própria liberdade e afirma a própria identidade (*“Arbeit macht frei”*). Essa concepção da comunidade não é apenas aquela da Alemanha nazista, mas está também na base de todo o percurso do chamado “socialismo real” até a sua bacarota, como também no de todas as variantes e alternativas. E ela se encontra novamente, também hoje, na era da globalização, na visão funcionalista e produtivista dos indivíduos sociais, na qual o valor de cada um depende da contribuição que leva para a comunidade. (PONZIO, 2010, p. 141).

Em vista disso, dedicamos a análise presente na próxima seção a ligação entre trabalho e a comunidade alemã que o livro apresenta. Uma vez que, constatamos que muitos discursos do livro trazem o trabalho como um fator importante para essa sociedade, além de proporcionar uma correlação à ideia de liberdade.

ARBEIT MACHT FREI

A expressão em alemão “Arbeit macht frei”, que serve como título desta seção dedicada a análise, pode ser traduzida livremente como: “o trabalho nos liberta ou nos torna livres”. Essa frase encontra-se no pórtico de entrada do campo de concentração de Auschwitz. Utilizada pelos nazistas, nos anos de guerra, para atribuir um sentido para o trabalho que era realizado no campo de concentração pelos judeus. Com isso, podemos perceber os esforços nazistas em criar uma significação para o trabalho, assim, como a própria tradução nos apresenta o trabalho em prol da liberdade.

Além disso, a ideia de trabalho como fonte de dignidade humana e libertação ainda faz-se muito presente em nossa sociedade. Interessa-nos, neste momento do estudo, problematizar a concepção de trabalho e sua relação com a presença de descendentes de alemães, tendo em vista os enunciados que compõem o material selecionado para a análise. Partimos da ideia de que, devido à colonização de origem alemã em nossa região, o trabalho consiste em uma prática enraizada no seio das comunidades e, não raras vezes, assume uma valoração positiva nos discursos de sujeitos de determinados grupos sociais.

Logo, podemos relacionar essa forma de pensar o trabalho ao que algumas comunidades consideram, ainda hoje, como forma de enobrecimento e dignidade. Reforçando essa visão sobre trabalho, Seyferth afirma:

A obra da colonização - o "trabalho pioneiro e civilizador" do colono - é a marca diferenciadora mais frequentemente usada para afirmar as identidades étnicas. Isto é, o apego ao trabalho, a "capacidade" colonizadora do imigrante, o trabalho (qualquer que seja) como enobrecedor, o espírito de empreendimento, etc., são consideradas características étnicas que contrastam os descendentes de imigrantes italianos, alemães e poloneses dos brasileiros. Brasileiros esses definidos, por oposição, como avessos ao trabalho (SEYFERTH, 1986, p. 69)

A pesquisadora e professora observa, então, o quanto o trabalho é um elemento diretamente relacionado à etnia alemã, servindo para qualificar positivamente a identidade desse povo em detrimento das demais. Frente a isso, podemos afirmar que, em alguma medida, determinadas ações inerentes ao processo de início da colonização, como abrir clareiras na mata fechada e construir moradias, contribuem para a ideia de que os alemães e os seus descendentes sejam entendidos como um "povo trabalhador". Como nos confirma Seyferth:

A representação da etnicidade com base num *ethos* do trabalho permite entender melhor a questão da cidadania e a forma como a categoria "colono" marca a identidade étnica, mesmo num contexto urbano. O que está em jogo aqui é o colono concebido como pioneiro e civilizador - aquele que transformou as florestas do sul do Brasil em "ilhas" de civilização. Colonos que querem ser cidadãos: como imigrantes, entraram no Brasil para ficar. Ou, como dizem os descendentes dos alemães, "construir uma nova pátria". (SEYFERTH, 1986, p. 66)

A mesma ideia sobre a carência encontrada nessa região por colonizadores e a força de trabalho deles para construir e tornar essas localidades em terras produtivas e habitáveis, também está presente no trecho do livro que reproduzimos na sequência:

Trecho V:

As condições da região de origem alemã facultam e propiciavam ambiente local perfeito para os refugiados da 2ª Guerra Mundial, que poderiam falar a língua e conviver harmoniosamente com aquela gente humilde, simples e hospitaleira, que com seu espírito de pioneirismo veio em busca de novos sonhos, terras e trabalho, desbravando aquela terra hostil, tornando-a fértil e transformando nas melhores terras do Rio Grande do Sul para o cultivo de soja, milho e trigo. (p. 126)

Na nossa região, onde predomina a colonização alemã, essa visão de trabalho é muito difundida e tudo que seja em oposição a isso é, em alguns casos, concebido como errado ou mal visto pela sociedade. Essa noção da grandeza do trabalho do colonizador/imigrante também pode ser percebida em algumas passagens do livro *“Meus dois corpos”*. Tomando tal livro como objeto de estudo, percebemos que a palavra “trabalho” e suas derivações encontram-se em várias partes do livro. Para discutir algumas das visões construídas sobre o tema trabalho no livro, selecionamos alguns trechos. Observemos o seguinte:

Trecho VI:

O marco do trabalho dessa gente está registrado nos anais desses municípios, como exemplos de pioneirismo e senso de responsabilidade (p. 143)

Principiamos com a aparição da palavra trabalho referindo a “dessa gente”, que no contexto do livro remete aos descendentes de alemães da região. Neste ponto, colocando-os como exemplos de pioneirismo e senso de responsabilidade, o que confirma a ideia anterior da dignificação do trabalho. Percebemos, também, como faz-se importante declarar que o trabalho dos alemães está “registrado” nos anais dos municípios. Assim, mantém um discurso sobre o colonizador/imigrante alemão como povo trabalhador, o que favorece a preservação dessa ideia. Esse discurso, muitas das vezes, está presente na história escrita do municípios, de forma que torna-se oficial, o que favorece sua constante circulação.

Isso ocorre em vista de que o discurso escrito é dominado por uma parte da população a qual, geralmente, utiliza do poder para fazer com que esse discurso se dissemine. Como declara Rama (2015, p. 167), em sua obra *A cidade das letras*, “a admiração indissimulável pela capacidade intelectual para dominar o instrumento linguístico, por seu poder mágico para exercer a escritura e, mediante ela, compor o discurso ideológico justificativo”, sendo assim podemos entender que uma parcela “intelectual” da população que dominava a escritura e que estava a serviço das classes e instituições de poder, registravam o discurso. Mais tarde esse discurso viria a tornar-se oficial, tendo em vista que um discurso só é digno de ser oficial se está escrito.

Após esse primeiro momento, onde analisamos no livro a importância do trabalho dessa gente para a comunidade, e o seu registro na história oficial. Passamos, agora, para o

trecho VII, no qual temos a associação do trabalho diretamente ligado à ideia de paz e à liberdade.

Trecho VII:

Diziam também que escolheram o Brasil porque nesse país já existia uma grande colonização de imigrantes alemães, e aqui havia muita liberdade e que provavelmente poderiam trabalhar em paz (p. 133)

Neste trecho, entendemos o enunciado *“havia muita liberdade e que provavelmente poderiam trabalhar em paz”*, contextualizando o trecho que é anterior a esse fragmento se reporta a comandantes nazistas que vieram para a região no pós Guerra. Assim, essa liberdade refere-se a não serem perseguidos ou presos como apoiadores do nazismo e por ter a colonização alemã nesta região poderiam trabalhar em paz.

A partir desse momento, o nosso texto começa a se encaminhar para outra questão de análise, o nazismo. Como na seção anterior, novamente os autores fazem menção a presença de grupos nazistas nesta região. Como no fragmento abaixo (recorte I), proveniente da terceira parte do livro, onde uma notícia do Jornal Zero Hora, confirma a mesma visão apresentada no trecho III.

Recorte II:

Alemães natos que viviam em colônias de imigrantes no Rio Grande do Sul e eram simpáticos a idéias nazistas favoreceram a permanência de ex-combatentes no Estado. O historiador René Gertz, um especialista em germanismo e nazismo, acredita que alemães natos de zonas de colonização nova no Rio Grande do Sul, como a região de Santa Rosa, ajudaram ex-combatentes no Estado, apesar da perseguição à cultura alemã registrada aqui nos últimos anos de guerra. “Existiam nazistas aqui, muitos deles dispostos a ajudar quem chegasse”, afirma o autor do livro *O Fascismo no Sul do Brasil*. (p. 179)

Nessa vertente de análise do trabalho, com ênfase no tema do nazismo, destacamos o último trecho da nossa análise. A passagem reproduzida abaixo, possui elementos linguísticos que promovem ideias relacionadas ao trabalho, ao nazismo e a uma sociedade organizada. Consideramos esse trecho fundamental para esclarecer o propósito discursivo do livro em questão. Analisemos:

Trecho VIII:

Por tal razão, hoje em dia, o convívio permanece com descendentes de nazistas, atuando civilizadamente na nossa sociedade, trabalhando no comércio, indústria, agropecuária em todas as esferas do nosso país. Eles ajudam a compor nossa sociedade organizada, fazendo parte de associações para diversos fins, não constituindo em nenhum perigo ou problema, mesmo porque a maioria dessas pessoas nem sabem que eram descendentes de nazistas. Tal era o serviço de inteligência e sigilo feito por Hitler. (p. 133)

Em princípio, um termo que não poderia passar despercebido neste trecho, e que acreditamos ser o ponto chave para sua compreensão, é o “*descendentes de nazistas*” que aparece logo no início e indica aos sujeitos que os autores se referem. Observamos que, ao realizar a escolha dessa expressão para indicar os filhos/netos de nazistas, os autores reforçam a ideia de que possui nazistas na região e, além disso, pessoas que provêm de uma família nazista. Ademais, percebemos que, neste momento, eles deixam de se referir ao povo alemão como o fazem durante o texto e passam a se referir especificamente aos nazistas.

Desse trecho, cabe destacarmos o léxico “trabalhando”, que aqui empregado refere-se diretamente ao grupo denominado pelo autor como “descendentes de nazistas”. Após nomear esse grupo, o autor segue fazendo afirmações positivas, nas quais podemos notar uma quantidade significativa de verbos, como “atuando”, “trabalhando”, “fazendo” e “constituindo” que tem como sujeitos, ou seja, se refere aos “descendentes de nazistas” mencionado anteriormente.

É interessante, nesse sentido, perceber que se trata de orações reduzidas de gerúndios, formas nominais do verbo. A partir dessa informação, sabemos que a função do gerúndio é de expressar uma ação contínua, assim sendo, oferecem uma imagem de atividades em constância, o que remete a sentidos de que os descendentes de nazistas estão participando ativamente do convívio em sociedade. A presença do “hoje em dia” no início do enunciado corrobora com a ideia que essa movimentação na comunidade dos “descendentes de nazistas”, segue acontecendo nos dias atuais.

Ainda, no trecho VIII, algumas palavras ganham destaque pela sua significação e, também, pelos sentidos que geram. Como é o caso da palavra “permanece”, no seguinte segmento “por tal razão, hoje em dia, o convívio *permanece* com descendentes de nazistas”. O significado do termo, segundo o Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2010), consiste em: continuar sendo; prosseguir existindo; conservar-se. Assim, o sentido que ela produz nesta oração, abarca um subentendido de que já existiam “descendentes de nazistas”, visto

que esse verbo está no indicativo e, portanto, é uma ação tida como real no fato em que é enunciada.

Na sequência, podemos evidenciar os termos que seguem o léxico “trabalhando”, sendo eles “comércio”, “indústria”, “agropecuária” e “em todas as esferas do nosso país”. Aqui, vemos a exposição de vários ramos em que esses sujeitos estão inseridos. Relacionando diretamente com o contexto em que é enunciado, é possível confirmar que são atividades muito frequentes nesta região e que fazem parte da riqueza econômica do município. Além disso, está pressuposto que os descendentes de nazistas geram força de trabalho e de riqueza para o município. Subentende-se, então, que os nazistas nesse contexto não são um problema para a sociedade.

Outro fator que nos chama a atenção, é a passagem de uma esfera local para uma global, quando em contraste com “em nossa sociedade” passa para “todas as esferas do nosso país”. É importante ressaltar que ao declararem “em todas as esferas do nosso país” os autores estão se referindo aos “descendentes de nazistas”, ou seja, esses sujeitos atualmente estão trabalhando em todas as partes do nosso país.

Além disso, a expressão “hoje em dia” utilizada para situar o fato enunciado é classificada como um advérbio de tempo, referindo-se ao presente. Isto posto, essa informação confirma que os “descendentes de nazistas” estão e fazem parte da nossa sociedade ainda hoje, tempo atual, visto que eles trabalham em todas as esferas do nosso país.

Na continuidade desse trecho, os autores utilizam o pronome “eles” em “eles ajudam a compor nossa sociedade organizada”, retomando os sujeitos da oração que são os “descendentes de nazistas” do início. Além disso, acrescentam a ideia de que “ajudam a compor nossa sociedade organizada”, aqui eles resgatam a visão de sociedade organizada que analisamos na primeira seção e deixam claro quem são os sujeitos que fazem parte dessa sociedade. Assim, passando de descendentes de alemães para descendentes de nazistas.

Para finalizar, podemos retomar a figura 1 da primeira seção, para aqui colocar em contraposição com o enunciado “hoje em dia, o convívio permanece com descendentes de nazistas [...] mesmo porque **a maioria dessas pessoas nem sabem que eram descendentes de nazistas**”. Dessa maneira, podemos entender que a maioria não sabe que eram descendentes de nazistas, mas que muitos sabem e tem essa consciência. Dado que tem

provas em circulação de que nessa região havia nazistas, como é o caso da figura 1, que está em domínio público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises conduzidas neste estudo, destacamos que o livro retrata de forma clara a região de Cândido Godói, particularmente a sua comunidade, delineando com precisão os indivíduos que a compõem e o modelo de sociedade que a define. Os autores, ao construírem discursos dominantes, enfatizam o poder participativo dessa comunidade, destacando suas características étnicas e sociais.

É evidente que o tema do trabalho desempenha um papel fundamental na concepção desta sociedade, composta majoritariamente por alemães e seus descendentes. Essas considerações relativas ao trabalho emergem de forma proeminente ao longo do texto, revelando-se como discursos estáveis e enraizados na estrutura social local. Estes discursos, por sua vez, representam uma ideologia oficial e predominante, que molda uma visão de mundo singular.

Por meio de nossa análise, observamos que muitos dos discursos presentes no livro possuem inclinações ideológicas associadas a grupos com vertentes nazistas/fascistas. Como assinala Freire (2021, p. 292), “o renascimento da ameaça nazifascista [...] no mundo, mais enfaticamente ali, menos aqui, como se o mundo tivesse perdido a memória, é um problema mais grave do que parece”. Isso porque, enunciados como os que aparecem no livro reforçam ideais nazifascistas e colaboram para uma visão ideologicamente dominadora. Visto que, ao estar registrado no livro, este se eleva a um nível de discurso oficial adquirindo valor social. Assim, esse tipo de discurso precisa ser cada vez mais explorado para que seja possível compreender a sua posição ideológica e, então, entender a qual grupo está vinculado.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2011. 583 p. ISBN 978-85-7402-939-9.

BERTONHA, J. F. Nazismo, ocultismo e conspirações. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 11, n. 3, p. 381-384, 2007.

DIETRICH, A. M. *Nazismo tropical? O partido Nazista no Brasil*. 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FREIRE, P. *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. São Paulo: Paz e Terra, 2021. 416 p. ISBN 9788577534142.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GEGe. *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 19-39.

HOAUISS, A; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986 p. ISBN 9788573029635.

MARTINS, N. S. *Introdução à Estilística: A Expressividade na Língua Portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. 328 p.

MATTE, U. da S.; CARDOSO-DOS-SANTOS, A. C.; RODRIGUES, G.; DE OLIVEIRA, M. Z.; TAGLIANI-RIBEIRO, A.; HECK, S.; DRESCH, V.; SCHOSSLER, M.; SCHULER-FACCINI, L. Decifrando o “mistério dos gêmeos”: Vinte anos de pesquisa em Cândido Godói, Rio Grande do Sul. *Clinical and Biomedical Research*, [S. l.], v. 39, n. 2, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/hcpa/article/view/90838>. Acesso em: 27 fev. 2023.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2018. p.167-176.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos de português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 1005 p. ISBN 978-85-393-0080-8.

PEREIRA, A. E. “Escovando” Palavras: movimentos possíveis de interpretação. In: FANTI, Maria da Glória di; BARBISAN, Leci Borges. *Enunciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 95-102. ISBN 978-85-7244-741-6.

PONZIO, A. *Procurando uma palavra outra*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 176 p. ISBN 9788579930263.

RAMA, Á. *A cidade das letras*. Tradução Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2015. 216 p.

SÉRIOT, P. Generalizar o Único: Gêneros, Tipos e Esferas em Bakhtin Crônicas e Controvérsias. *Línguas e instrumentos linguísticos*, p. 75-102, 2009.

SEYFERTH, G. Imigração, colonização e identidade étnica (notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem européia no sul do Brasil). *Revista de Antropologia*, [S. l.], v. 29, p. 57-71, 1986. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1986.111143. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111143>. Acesso em: 11 nov. 2022.

SILVA, A. M. F. da. De Auschwitz a Assis: a fuga do nazista Josef Mengele da Alemanha e sua passagem pela “cidade fraternal” . *Revista Vale- Arte, Ciência e Cultura*, Assis, n.5, p. 55-62.

SILVA, A. F; ZABOLOTSKY, J. A. *Meus dois corpos*. Santa Rosa, Gráfica Coli, 2007, 210 p.

STELLA, P.R. Palavra. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005. p.177-190.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em 31 de agosto de 2023.

Aprovado em 01 de novembro de 2023.

